
CIBERATIVISMO SURDO: em defesa da educação bilíngue.

Rachel Colacique Gomes¹
Edméa Santos²

INTRODUÇÃO

Seguindo a dinâmica complexa da estrutura da sociedade em rede, novas práticas sociais tomam forma, potencializadas pelas tecnologias da informação e comunicação. Ocupando um papel fundamental na vida cotidiana, a internet mudou a forma como vemos e apreendemos o mundo. Compramos e vendemos pela rede, enviamos e recebemos e-mails, contatamos clientes e amigos, acessamos e produzimos informações, tudo isso quase instantaneamente. O computador – como máquina semântica e cerebral – ao oportunizar tantas outras formas de acesso à informação e novos estilos de raciocínio, possibilitou mudanças estruturantes nas formas de pensar e atuar no mundo contemporâneo (SANTOS, 2010; LÉVY, 1999; PRETTO, 2005).



Essas novas práticas sociais, potencializadas pela conexão em tempo real, permitem a interconexão de acontecimentos, decisões, ações e pessoas, transformando continuamente o “universo virtual em que adquirem sentidos”. (BONILLA, 2009, p. 32). Mais do que em sua primeira fase, a internet atual fomenta seus potenciais interativos, consolidando-se como uma internet das pessoas e das redes de relacionamento, notoriamente participativa. Se na primeira fase da web as palavras de ordem eram: *disponibilizar, buscar, ter acesso e ler*; na WEB 2.0 os praticantes são chamados a *trocar, compartilhar, expor-se e integrar-se* em atividades de *interação e colaboração*. (SANTAELLA, 2010, p. 268). A interação é marcadamente uma das principais

¹ Mestranda do programa Proped/Uerj, GPDOC. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura – GPDOC, Proped/Uerj. Especialista em Educação Especial (UniRio). Professora Auxiliar da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines). *E-mail*: r_colacique@hotmail.com

² Professora do Proped/Uerj, líder do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC). Pedagoga pela Universidade Católica de Salvador (Ucsal), mestre e doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (Faced/UFBA). Professora adjunta da Faculdade de Educação da Uerj, atua no Proped, na Linha de Pesquisa: Cotidiano, Redes Educativas e Processos Culturais. Site: <www.docenciaonline.pro.br>. *E-mail*: edmeabaiana@gmail.com.

características do ciberespaço e da cibercultura, e juntamente com o acesso à informação, constitui as bases para a apropriação crítica e criativa na rede. Como Santos (2005) destaca:

O ciberespaço é composto por uma diversidade de elementos constitutivos, interfaces que permitem diversos modos de comunicação: um-um, um-todos e todos-todos em troca simultânea (comunicação síncrona) ou não (comunicação assíncrona) de mensagens. Tais possibilidades podem implicar mudanças diretas, nem melhores nem piores, mas diferentes, na forma e no conteúdo das relações de aprendizagem do coletivo. É através do conjunto de interfaces que os usuários interagem com a máquina e com outros usuários, compondo assim o ciberespaço e a cibercultura (p. 18).

A ruptura com o paradigma da “transmissão”, próprio das mídias massivas, é outra importante característica da WEB 2.0. A liberação do polo de emissão (SANTOS, 2010, p. 36) facilita os processos de interação, horizontalizando a comunicação e informação, o que reforça as potencialidades da internet no que diz respeito à democratização das relações, fortalecendo os indivíduos “do ponto de vista de suas ações políticas e suas opções identitárias”. (SILVA, S. 2009, p. 171). O perfil do internauta não é mais de *usuário consumidor*, não são apenas os que *acessam* informações, mas são os que criam, compartilham e questionam, produzindo conteúdos. Espectadores e participantes ao mesmo tempo, *interagentes*³, indivíduos autônomos e independentes, questionadores, capazes de produzir, decidir e transformar. Como afirma Santos:

Atualmente, a cibercultura vem se caracterizando pela emergência da *Web 2.0* com seus *softwares* e redes sociais mediadas pelas interfaces digitais em rede, pela mobilidade e convergência de mídias, dos computadores e dispositivos portáteis e da telefonia móvel [...]. Na cibercultura veiculada na *Web 2.0*, o usuário insere-se como produtor e desenvolvedor de conteúdo e não somente como receptor de mensagem e/ou conteúdo de aprendizagem postado por *outrem*. (SANTOS, 2011, p. 5-11).

Embora não sejam determinantes, as mudanças tecnológicas ocorridas provocam transformações econômicas, sociais, políticas e na relação entre sujeitos (BONILLA, 2009, p. 23). Transformações que, segundo Silva, S. (2009, p. 171) propõem “um novo contexto de democracia e de democratização nas relações interativas contemporâneas”. Essas transformações não se devem unicamente ao fato de haver tecnologia e informação disponível, mas sim de haver *apropriação significativa* das tecnologias e informações disponíveis ao público.

³ O conceito de *interagente* se opõe ao de *interagido* que, segundo Castells, seriam os internautas que fazem uso rudimentar dos dispositivos e das redes eletrônicas, não sabendo tirar proveito de todos os benefícios – culturais, sociais e econômicos – que estes oferecem. (LEMOS, 2011, p. 17).

A rede mundial de computadores justifica a composição conceitual de sociedade com propensão democrática, a partir da disponibilidade de informação e da facilidade de acesso a todos os atores sociais, tornando-se, assim, um sistema complexo em todos os seus aspectos – seja social, cultural, político ou econômico – e que possibilita a democracia das relações e instituições no contexto atual. (SILVA, S. 2009, p. 169).

Por ser um instrumento político, a democratização no acesso à informação é basal na sociedade contemporânea conectada em rede. “A geração, o processamento e a transmissão de informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder”. (BONILLA, 2009, p. 23). Informação é poder. Desinformação implica, portanto, em subalternidade e dominação.

A informação se torna um instrumento político, assim como seu espaço de veiculação [...] Informação e política, informação e poder e informação e identidade são combinações que instrumentalizam a sociedade em rede. (SILVA, S., 2009, p. 152-153).

Nesse sentido, sendo “caracterizada por tecnologias do conhecimento e de redes sociais com interfaces abertas para colaboração, coconstrução, coautoria, coparceria, e conhecimento coletivo” (OKADA, 2011, p. 131), a WEB 2.0 e as interações mediadas pelos softwares sociais, têm configurado novos modos e novas redes de interação. As mobilizações político-sociais articuladas por meio dos *softwares* sociais são exemplos de como o acesso à informação e possibilidade de comunicação, via internet, permite que os atores sociais lutem em defesa de seus próprios direitos, autônoma e democraticamente. É o caso, por exemplo, da série de manifestações e protestos ocorridos em países do Oriente Médio e também no Norte da África⁴. Na chamada Primavera Árabe, os softwares sociais foram amplamente utilizados para organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional.

Neste artigo, destacaremos o grande movimento – organizado via *softwares* sociais – contra o fechamento do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines) e em defesa da educação bilíngue para surdos. Em tempos de inclusão social e acesso à rede mundial de computadores, os cibercidadãos surdos se apropriaram dos *softwares* sociais – *Youtube* e *Facebook* – e foram à luta. A mobilização começa com os surdos, e é fomentada pelos surdos. O acesso à informação e possibilidade de comunicação, via internet, permitiu que esses atores sociais lutassem em defesa de seus próprios direitos, autônoma e democraticamente. Resultando numa passeata

⁴ Os primeiros protestos ocorreram na Tunísia, em 18 de dezembro de 2010, e serviram de estopim motivador para a série de manifestações envolvendo países como Egito, Líbia, Argélia, Síria, Jordânia, dentre outros. Para mais informações sobre a Primavera Árabe, ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_%C3%81rabe>. Acesso em: 22 jan. 2012.

organizada em Brasília e na declaração do ministro da educação afirmando que não mais encerraria as atividades no Ines.

A seguir, apresentamos algumas das principais características dos *softwares* sociais da internet e os movimentos políticos por eles potencializados.

SOFTWARES SOCIAIS NA INTERNET: CONEXÕES E REDES DE PESSOAS

Diversos autores têm ressaltado o poder educativo das chamadas “redes sociais” (OKADA, 2011; SANTOS, 2005; WEBER, SANTOS, SANTOS, 2011; MIRANDA *et al.*, 2011; KERBAUY, SANTOS, 2011) que, invertendo a lógica da educação tradicional – o *um* que ensina e o *outro* que aprende – têm favorecido a interação, a criação colaborativa, a coautoria, a autonomia e a socialização, implicando em novas formas de ver e apreender o mundo.

O conceito de redes sociais não é novo, nem surge com a internet. Lemos (2008) indica que a expressão “rede social” foi criada pelo antropólogo John Narnes, em 1954, e diz respeito às ações de inter-relação entre indivíduos que partilham interesses comuns. Santos (2011, p. 84) caracteriza as *redes sociais da internet* como “a interconexão de sujeitos e objetos técnicos na e em rede”, uma forma de “conectar praticantes com interesses comuns que interagem colaborativamente a partir da mediação sociotécnica e de suas conexões”. De

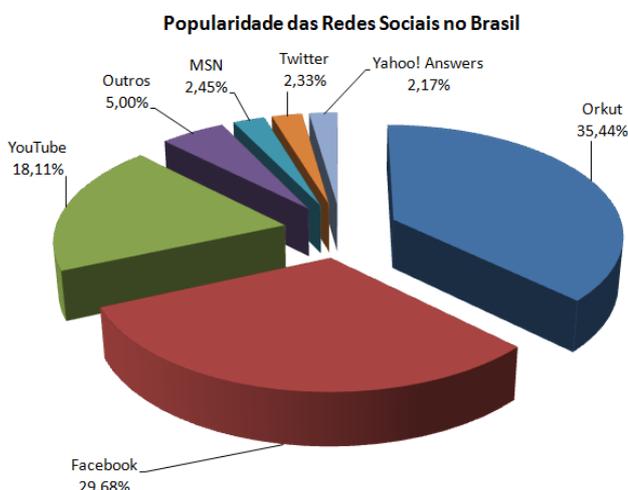


Imagem 2. Gráfico indica popularidade dos *softwares* sociais no Brasil, de acordo com dados 2011. Disponível em: <<http://www.serasaexperian.com.br/release/noticias/2011/noticia00715.html>>.

acordo com Recuero (2009, p. 24), as redes sociais da internet podem ser então compreendidas como “um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós de uma rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)”.

É importante destacar ainda que, apesar de popularmente a expressão “redes sociais” ser usada como sinônimo de “*softwares* sociais”, elas não são equivalentes:

Na literatura e na vida cotidiana muitas vezes utilizamos a expressão “redes sociais” como equivalente de “*softwares* sociais”. Isso acontece por conta da hibridação entre seres humanos e objetos técnicos. Entretanto, vale destacar que os *softwares* sociais são as interfaces de comunicação e que a redes sociais são em si a própria

comunicação, ou seres humanos em processo de comunicação, no caso da internet mediada pelo digital em rede com suas interfaces. (SANTOS, 2011, p. 84).

Softwares sociais são as interfaces digitais em rede, que viabilizam e estruturam a interconexão entre sujeitos (OKADA; OKADA; SANTOS, 2008, p. 2). Constitui uma das principais características da WEB 2.0, pois possibilitam que indivíduos interajam colaborativamente – estando, ou não, geograficamente dispersos – compartilhando suas autorias, imagens, vídeos, textos. Viabilizando a comunicação síncrona e assíncrona. Criando, ou estreitando, vínculos sociais e afetivos “pelos mais diferentes razões objetivas e subjetivas” (OKADA; OKADA; SANTOS, 2008).

No Brasil, alguns dos *softwares* sociais mais populares são *Orkut*, *Facebook*, *YouTube*, *Twitter*, *Yahoo! Answers Brasil*, *Wikis*, *MSN*, *Skype* e *Flickr*. Com interfaces amigáveis, que possibilitam a divulgação, criação e formatação de conteúdos das mais diversas formas (textos, áudios, imagens, vídeos, etc.) conseguem que mais de 43 milhões de usuários brasileiros – o equivalente a 90% dos internautas – naveguem mais de 4 horas mensais⁵. Além desses mais populares, outras “redes sociais” vêm ganhando espaço entre os usuários. Algumas com conteúdos bem específicos – como é o caso do *Filmow*⁶, que permite ao internauta compartilhar seu catálogo de filmes e séries favoritas – outras que poderiam ser chamada de “rede de utilidade pública” – como, por exemplo, o *Caroneiros*⁷ que reúne pessoas interessadas em dar ou receber caronas,

contribuindo com o meio ambiente. Outra rede que merece destaque é a brasileira *Skoob*⁸ – com mais de 420 mil usuários, o site permite formar uma estante virtual, listando as obras lidas ou desejadas.

Interatividade, hipertexto, mobilidade e ubiquidade são potencializadas no momento atual da internet, os dispositivos móveis e conectados possibilitam que usuários troquem, criem, divulguem e contestem informações, em qualquer lugar do mundo. Mas nem

sempre foi assim. Em tempos de WEB 1.0, a internet era predominantemente composta por textos. A publicação e compartilhamento das informações eram dificultados por interfaces não amigáveis,

Imagem 4: Manifestante exibe cartaz com os logotipos de Redes Sociais formando a palavra Egito.



⁵ De acordo com dados divulgados em: <<http://ecommercenews.com.br/noticias/pesquisas-noticias/estudo-mostra-panorama-do-uso-de-redes-sociais-no-brasil>>. Acesso em: jun. 2012.

⁶ Disponível em: <<http://filmow.com/>>. Acesso em: jun. 2012.

⁷ Disponível em: <<http://www.caroneiros.com/web/>>. Acesso em: jun. 2012.

⁸ Consulta em: <<http://www.skoob.com.br/>>. Acesso em: jun. 2012.

havendo a necessidade de se conhecer linguagens próprias de programação, como a linguagem HTML. (SANTOS, 2011, p. 83). Nessa fase os conteúdos eram “estáticos” e não interativos. Uma vez disponibilizado, o material servia para consulta dos usuários, que não poderiam interferir no conteúdo, nem *criar* a mensagem. Havia recursos para interação, como *chats* e *emails*, mas seus usos eram limitados a textos. Os diversos *softwares* sociais – potencializados pela mobilidade e conectividade ubíqua – têm, portanto, transformado não só a internet, mas as formas de *serestarpensar* o mundo. Com finalidades e funcionalidades diversas, esses novos espaços de interação social têm viabilizado importantes acontecimentos políticos em diversos países. Recentemente, pudemos observar diversas manifestações populares fomentadas e potencializadas via softwares sociais na internet. É o caso, por exemplo, da chamada Primavera Árabe, que abordamos a seguir.

PRIMAVERA ÁRABE: MOBILIZAÇÃO VIA SOFTWARES SOCIAIS

Desde dezembro de 2010, o mundo acompanhou uma série de manifestações e protestos ocorridos em países do Oriente Médio e também no Norte da África⁹. Os *softwares* sociais – *Facebook*, *Twitter* e *Youtube* – foram amplamente utilizados para organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional.

No Egito, as manifestações iniciaram no dia 25 de janeiro de 2011 – em um protesto convocado pelo *Twitter* e *Facebook* – milhares de populares egípcios tomaram as ruas das principais cidades do país para pedir a saída do presidente Hosni Mubarak, há 30 anos no poder e responsável por um dos regimes mais opressivos da atualidade. Mesmo com forte repressão policial, as manifestações continuaram. Como forma de desarticular os manifestantes, o governo desativou os serviços de mensagem via celular e bloqueou o acesso à internet em todo o país. Atitude que apenas agravou a situação. Como forma de apoiar os manifestantes do Egito, uma parceria entre *Google* e *Twitter*, permitiu que mensagens de voz fossem enviadas pelo microblog, por meio de ligação telefônica¹⁰. Dezenas de mensagens de voz foram divulgadas com a tag #egypt,

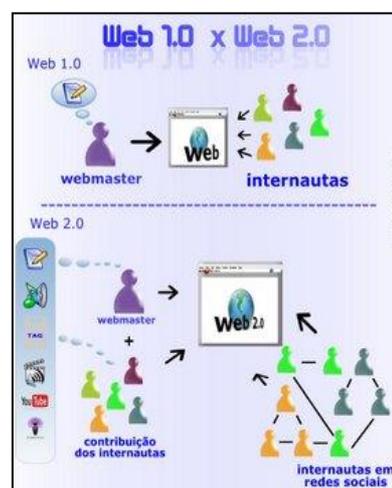


Imagem 3: Esquema comparativo Web 1.0 e 2.0

⁹ Os primeiros protestos ocorreram na Tunísia, em 18 de dezembro de 2010, e serviram de estopim motivador para a série de manifestações envolvendo países como Egito, Líbia, Argélia, Síria, Jordânia, dentre outros. Para mais informações sobre a Primavera Árabe, ver: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Primavera_%C3%81rabe>. Acesso em: 22 jan. 2012.

¹⁰ Para saber mais: <<http://migre.me/8BHao>>. Acesso em: jun. 2012.



Imagem 5. A hashtag #EGYPT foi o assunto mais comentado em diversos países pelo mundo. Fonte: <<http://migre.me/8BGxd>>. Acesso em: jun. 2012.

relatando abusos policiais e os acontecimentos em diferentes partes do país. A imagem ao lado indica que a tag #egypt foi o assunto mais comentado em diversos países ao redor do mundo.

Em 2011, 5 milhões de egípcios utilizavam o Facebook e, desde o início das manifestações, 14 mil páginas e 32 mil grupos foram criados na rede social pelos egípcios que conseguiram – após 18 dias de intensas manifestações – comemorar a renúncia do presidente Hosni Mubarak.

No Brasil – embora não tenhamos derrubado uma ditadura, nem iniciado uma revo-lução

política de larga escala – também temos diversos exemplos de mobilizações organizadas e fomentadas via *softwares* sociais.

Imagine todas essas mudanças e revoluções acontecendo, e os surdos sendo deixados à margem dessas transformações. Totalmente inadmissível! Contudo, mesmo diante da pouca acessibilidade na *web*, temos observado a apropriação, pelos surdos, desses *softwares* sociais e dos ambientes virtuais.

OS SURDOS NO CIBERESPAÇO: UM CASE DE CIBERATIVISMO

A despeito das limitações de acessibilidade dos ambientes virtuais, é possível ver a autoria dos surdos na internet: são blogs¹¹, sites¹², vídeos¹³, imagens¹⁴, poemas¹⁵, músicas¹⁶, e até um site de relacionamento exclusivo para usuários surdos¹⁷.

¹¹ Como, por exemplo, o Blog Surdo Sim, desenvolvido por surdos para “para unir a comunidade surda e torná-la mais forte!” Disponível em: <<http://surdosim.wordpress.com/>>.

¹² O site apresenta conteúdos sobre surdez, Libras e demais temas relacionados. <<http://www.surdo.org.br/>>.

¹³ No *Youtube* é possível ver inúmeros vídeos, para exemplificar trazemos esse do Jonas, um menino surdo: <<http://migre.me/8BHcA>>. Acesso em: jun. 2012.

¹⁴ Por exemplo, esta feita por uma criança surda: <<http://migre.me/8BHe6>>. Acesso em: jun. 2012.

¹⁵ Vídeo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=1F1syKhkx2A&list=UUmX9rluhq9vUKqRqb8EchQg&index=35&feature=plcp>>. Acesso em: jun. 2012.

¹⁶ Versão da música “Ai se eu te pego!” (Michel Teló), em Libras, feita por um surdo: <<http://www.youtube.com/watch?v=qxSOIqVaBks>>. Acesso em: jun. 2012.

¹⁷ Surdos On-line (Surdosol): <<http://www.surdosol.com.br/rede/>>. Acesso em: jun. 2012.



Imagem 6. Surdosol – A rede social exclusiva para surdos.
Fonte: <<http://www.surdosol.com.br/rede/>>.

Espaços habitados *por* surdos e *para* surdos. Eles estão interagindo uns com os outros, seja por meio de textos escritos, ou pela Língua de Sinais. Eles estão se apropriando do espaço que inicialmente não havia sido pensado para eles. Não como meros espectadores, mas habitando, produzindo e significando o ambiente virtual. Apesar das barreiras encontradas, os surdos se apropriaram da WEB 2.0,

que possibilita a veiculação de conteúdos criados, editados e publicados pelos praticantes das redes. (SANTOS, 2011, p. 84). Os cibercidadãos surdos estão rompendo com a lógica vertical das mídias de comunicação em massa, ampliando o alcance de seus sinais, chamando atenção para suas lutas e galgando espaços onde antes não era possível.

Estão imersos na cibercultura, cumprindo o desafio maior da inclusão cidadã à cultura digital, que consiste em “fazer com que os indivíduos possam produzir conteúdos próprios e distribuí-los livremente”. (LEMOS, 2011, p. 19). Essa imersão é viabilizada e potencializada pela digitalização da informação e sua veiculação em rede, que possibilita recursos como vídeo e imagens.

A informação que vinha sendo produzida e difundida ao longo da história da humanidade por suportes atômicos (madeira, pedra, papiro, papel, corpo), atualmente é circulada pelos *bits* – códigos digitais universais (0 e 1). As tecnologias da informática, associadas às telecomunicações, vêm provocando mudanças radicais na sociedade por conta do processo de digitalização. Uma nova revolução emerge, a revolução digital. Digitalizada, a informação se reproduz, circula, se modifica e se atualiza em diferentes interfaces. É possível digitalizar sons, imagens, gráficos, textos, enfim uma infinidade de informações. (SANTOS, 2005, p. 61).

Exemplo dessa apropriação, entre os internautas surdos, destacamos a mobilização ocorrida contra o fechamento do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos e em defesa da educação bilíngue para surdos¹⁸.

¹⁸ Não é objetivo aqui, discutir as motivações que fundamentam a postura do MEC frente às políticas de Educação Especial e/ou Inclusiva. Nem questionar a decisão, aparentemente vertical, sobre o encerramento das atividades no Ines. O que nos propomos é apresentar a mobilização gerada pelos surdos, em defesa de seus próprios direitos e interesses, e a posterior repercussão nacional que o movimento alcançou, potencializado por *softwares* sociais na internet. Vale mencionar que houve grande manifestação também em defesa do não fechamento do Instituto Benjamim Constant, que atende pessoas cegas e com baixa visão. Mas para esse texto, optamos por focar nos movimentos realizados pelos surdos, em defesa do Ines.

Fundado em 1856, o Instituto Nacional de Educação de Surdos atende cerca de 600 estudantes atualmente, oferecendo educação infantil (de zero a três anos), ensino fundamental e médio. Além disso, o instituto oferece também ensino superior – através do curso bilíngue de pedagogia, experiência pioneira na América Latina – Especialização *Lato Sensu* e cursos de extensão abertos à comunidade.

Em seus quase dois séculos de existência, o Instituto passou por diferentes propostas pedagógicas e movimentos políticos. Desde a monarquia, ditadura e a retomada democrática, passando também por diferentes abordagens metodológicas como o oralismo¹⁹, a comunicação total²⁰ e, mais recentemente, o bilíngüismo²¹. E ao longo desse período, foi um marco e uma referência na educação das pessoas surdas em todo o país (MOURA, 2000).

Em março de 2011, durante uma reunião, a diretora de Política de Educação Especial do Ministério da Educação (MEC), Martinha Clarete, fez menção à possibilidade de fechamento do Colégio de Aplicação do Ines²² e do Instituto Benjamin Constant (IBC)²³ – que atende pessoas cegas e com baixa-visão.

Os estudantes seriam incluídos em escolas regulares da região, e os institutos passariam a atuar apenas com formação de professores e orientação às escolas inclusivas.

A polêmica declaração chegou aos estudantes, pais, professores e demais membros da comunidade interna do instituto, causando grande espanto e comoção.

Embora a inclusão escolar de pessoas com deficiência seja uma tendência internacional cada vez mais consolidada, e esteja prevista na legislação brasileira²⁴, muitas pessoas surdas discordam

¹⁹ Método de ensino que defende a aquisição da linguagem verbal – falada – como objetivo primordial na formação e desenvolvimento da pessoa surda. Nessa perspectiva, a utilização de gestos era proibida.

²⁰ Método misto, que utiliza diversos meios para conseguir estabelecer algum tipo de comunicação com as pessoas surdas. A principal crítica que se faz a esse método é a ausência de uma estrutura linguística adequada.

²¹ Proposta que defende a aprendizagem da língua de sinais e da língua portuguesa na modalidade escrita.

²² Para saber mais sobre o Ines, sua história e perspectiva atual, acesse o site oficial: <www.ines.gov.br>. Acesso em: jun. 2012.

²³ Para saber mais sobre o IBC, acesse o site oficial: <www.ibc.gov.br Acesso em 22 de janeiro de 2012>. Acesso em: jun. 2012.

²⁴ Arts. 58, 59 e 60 da Lei 9.394/96 (LDB) Disponível em: www.ufspe.br/download.php?endArquivo=noticias/4248_LDB.pdf>. Acesso em: jun. 2012.

dessa perspectiva, defendendo que os surdos devem ter a possibilidade de estar agrupados com seus pares, fortalecendo sua identidade e o desenvolvimento da Língua Brasileira de Sinais²⁵.

Mas se em outro momento histórico as pessoas com deficiência eram relegadas à exclusão, vivendo à margem da sociedade, e ignoradas em suas opiniões (FONTES, 2007), muitas vezes dependendo da ajuda do “não deficiente” para defesa de sua causa, hoje as pessoas com deficiência estão exercendo seus direitos e retomando os espaços que lhes foram negados.

No dia 24 de março de 2011, um surdo, muito conhecido por sua atuação em defesa da comunidade surda, disponibilizou no *Youtube* e divulgou via *Facebook*, um vídeo onde declarava sua total indignação com a notícia do fechamento do instituto. Com mais de 8.300 acessos registrados, o autor do vídeo²⁶ diz em Língua de Sinais:

“Absurdo! Absurdo! Absurdo! É verdade? O INES vai fechar? É impossível! Não, por favor. Eu peço, eu imploro. Vamos dizer não ao fechamento [do INES]. Convido todos os surdos a pensarem, olharem para o INES. É o surdo quem perde. Os grupos, a cultura, a identidade, tudo vai se perder pela inclusão com o ouvinte? Não! Por favor, abra o olho. Por favor, eu peço. É um absurdo! O surdo não pode perder a cultura. Eu chorei. Senti uma dor no meu coração. Por favor, vamos discutir opiniões. Não podemos aceitar, de braços cruzados, que o INES acabe. Não! Vamos à luta!”



Imagem 7: Vídeo registra a indignação com a notícia do possível fechamento do INES.

As estatísticas apresentadas pelo *Youtube* indicam ainda que o vídeo foi exibido mais de 3.000 vezes pelo *Orkut*, tendo sido visto em mais de 15 países.



Imagem 8. Estatística de acesso ao vídeo “Fechamento do INES, absurdo!”.

Fonte: <<http://migre.me/9w5ox>>. Acesso em: jun. 2012.

²⁵ Entende-se como Língua Brasileira de Sinais (Libras) a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

²⁶ Tradução livre e adaptada. Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Bs4wZYYgcSQ&feature=player_embedded>. Acesso em: jun. 2012.

Na mesma data, outro vídeo é postado no *Youtube* e também divulgado via *Facebook*. Desta vez é o assessor da direção geral do Ines que faz a declaração²⁷:



Imagem 9: Vídeo do vice-diretor do INES, sobre a notícia do fechamento do Instituto.

O acesso à informação sobre o fechamento do instituto, por meio dos vídeos em Libras, acarretou uma grande mobilização na internet (e posteriormente, “fora” dela). Como já mencionado anteriormente, essa democratização no acesso à informação é basal na sociedade contemporânea, uma vez que é instrumento político:

A informação se torna um instrumento político, assim como seu espaço de veiculação [...] Informação e política, informação e poder e informação e identidade são combinações que instrumentalizam a sociedade em rede. (SILVA, S., 2009, p. 152-153).

²⁷ Tradução livre e adaptada. Vídeo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=TSseTOQxOhDk&feature=related>>. Acesso em: jun. 2012.

Em uma recente entrevista sobre os atuais dilemas da internet²⁸, Castells (2012) diz que:

Quem tem o poder, organiza a rede — seja poder econômico, midiático, político, qualquer um. E quem tem poder deseja mantê-lo, pois é a forma de assegurar que seus próprios interesses e valores estejam melhor servidos que os dos demais, na organização da sociedade.[...] Conservar o poder requer manter o máximo controle possível sobre a informação, e assegurar, sobretudo, que os canais de comunicação sejam verticais. Nessa lógica, alguns poucos devem controlar a comunicação dirigindo-se aos muitos que não a temos.

Tendo o “poder” da informação, e os meios para veiculação da mensagem – em Libras – a comunidade surda pode tomar frente de algo que lhes dizia respeito diretamente. Em um dos comentários²⁹ feitos ao vídeo, uma surda afirma:

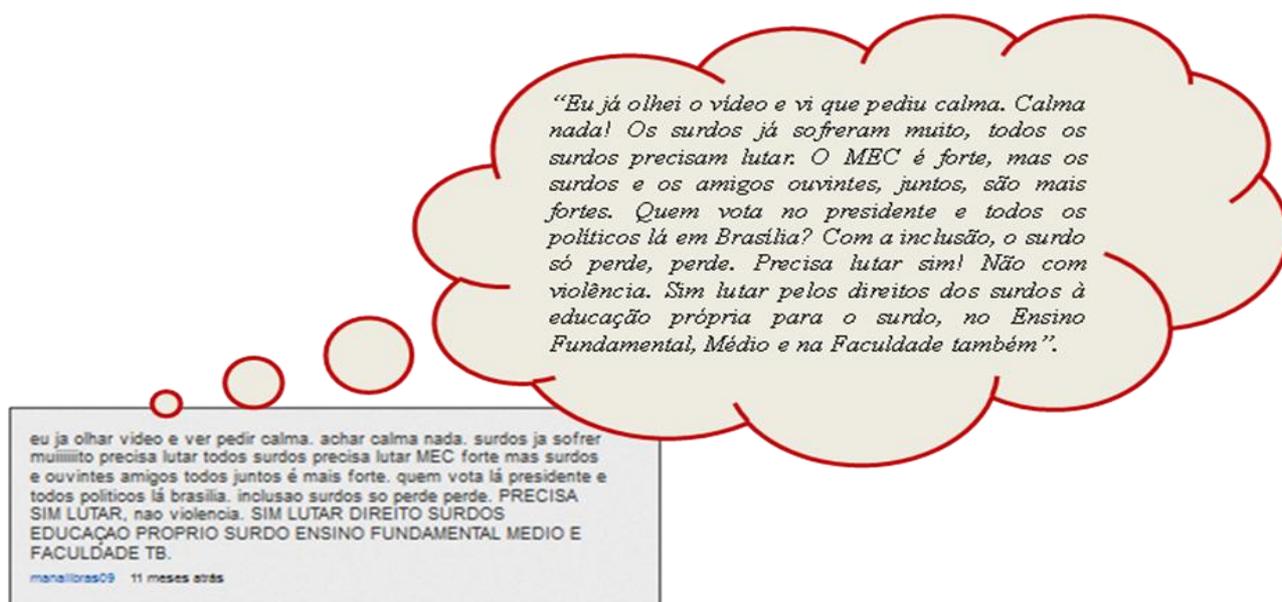


Imagem 10. Comentário em resposta ao vídeo “Comunicado de esclarecimento sobre o fechamento do Ines”.

Fonte: <<http://migre.me/9w5ox>>. Acesso em jun. 2012

Dezenas de outras postagens foram feitas. Comentários, vídeos, imagens. Os surdos manifestaram suas opiniões. As discussões giraram em torno do não fechamento do Colégio de Aplicação do Ines; do posicionamento – contra ou a favor – em relação à inclusão de estudantes surdos em escolas regulares; e a defesa de uma educação bilíngue³⁰ para surdos.

²⁸ Entrevista disponível em: <<http://www.comunicacaoepolitica.com.br/blog/2012/01/internet-e-um-meio-de-comunicacao-livre-defende-castells/>>. Acesso em: jun. 2012.

²⁹ Tradução livre e adaptada. Comentário na íntegra pode ser lido em: <<http://www.youtube.com/watch?v=TSeTOQxOhDk&feature=related>>. Acesso em: jun. 2012.

³⁰ Nesse caso, educação bilíngue para surdos é considerada a garantia do direito de ter aulas em Libras, e o ensino da língua portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua.

Um vídeo cujo título é “Eu sou a prova da inclusão!” traz a narrativa, em Libras, de um jovem surdo que relata³¹ sua própria experiência com a inclusão:

O vídeo prossegue, e o jovem compartilha mais algumas de suas experiências, alcançando mais de 1.500 pessoas ao redor do mundo.

“Oi, meu nome é João Gabriel. Eu vi muitos vídeos dos surdos falando da inclusão dos surdos com os ouvintes [...] em qualquer série, para mim não adianta. Sabe por quê? Eu sou a prova! Eu sou a prova! Eu já estive numa inclusão com ouvintes [...] mas eu sofri bastante. Sabe como? Tinha que se esforçar em dobro para entender as aulas, fazer leitura labial, tinha que esforçar em dobro. Nas aulas particulares me esforçava muito, estudava sempre em dobro [...] Foi muito difícil. Mesmo fazendo leitura labial não adiantava. Não dava para entender nada, nada. Os professores falavam rápido e esqueciam que tinha um surdo na sala. Entendeu? Eu sou a prova! [...] Agora estou na UFRJ, fui o primeiro surdo a passar no vestibular e entrar sem cotas, ou transferência. Mas estou sofrendo de novo. Eu sou a prova! [...] agora o MEC quer a inclusão para diminuir gastos e pagar menos salário aos professores? Mas a família do surdo vai ficar sofrendo e pagando aulas particulares, fonoaudiólogos, materiais, tudo em dobro? Não dá! Eu sou a prova! Estou feliz por ter estudado numa escola de ouvintes? De ter passado para a faculdade? Não estou feliz, estou cansado.



Imagem 11. Vídeo relata experiência de jovem surdo. Estatística de acesso indica que o vídeo foi exibido em vários países. Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=wtrpwFTpOPM&feature=related>. Acesso em jun. 2012.

O relato emociona: “*Não estou feliz, estou cansado. Perdi 20 anos [...] mas agora com a Libras estou feliz*”. O esforço relatado pelo jovem é comum aos relatos de outros surdos. A imposição da língua oral, como única forma de linguagem, vai contra todos os direitos inerentes ao ser humano. Com as limitações da oralidade, mas sem o aporte da língua de sinais, o surdo terá implicações negativas em seu conhecimento de mundo e de si mesmo. Além disso, a falta (ou atraso) no aprendizado de uma língua pode acarretar danos irreparáveis à organização psicossocial de um indivíduo (QUADROS, 1997).

³¹ Tradução livre e adaptada. Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=wtrpwFTpOPM&feature=related>. Acesso em: jun. 2012.

A partir da aquisição de uma língua, a criança passa a construir sua subjetividade, pois ela terá recursos para sua inserção no processo dialógico de sua comunidade [...] A língua de sinais representa um papel expressivo na vida do sujeito surdo, conduzindo-o, por intermédio de uma língua estruturada, ao desenvolvimento pleno. (DIZEU; CAPORALI, 2005, p. 587-588).

A língua de sinais possibilita a integração do surdo ao seu meio, possibilitando a compreensão e significação das experiências, além de favorecer as relações interpessoais (GÓES, 1999). De acordo com Dizeu e Caporali (2005), os motivos que levam os surdos a querer integrarem-se em uma comunidade surda são “as possibilidades comunicativas e a identificação de si, que lhe causam uma participação confortável de convívio”.

Em 1880, após um congresso realizado em Milão, foi decidido que a melhor, e única, maneira de se promover a educação de surdos era pela obrigação do aprendizado da fala. Desse modo, o método Oral foi imposto aos surdos do mundo todo, tendo sido totalmente proibido o uso da Língua de Sinais. A charge ao lado, faz uma crítica severa ao fechamento do Instituto, comparando essa atitude com a imposição do método Oralista.

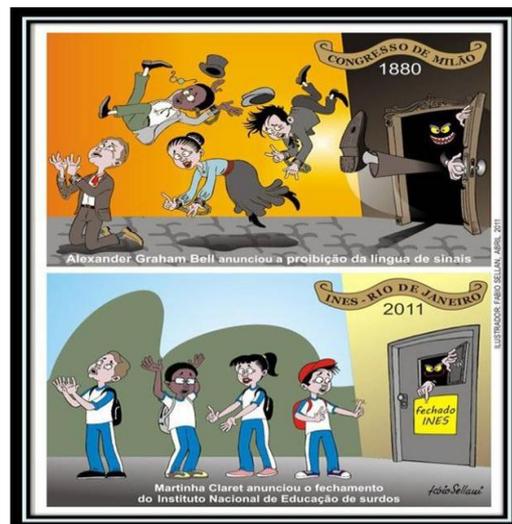


Imagem 12: Charge compara fechamento do INES, com a imposição do método oralista e a total proibição da língua de sinais, ocorrida em 1880.

O vídeo intitulado “Lamento oculto de um surdo³²”, é feito por um grupo de surdos, que apresentam um poema em Língua de Sinais, falando sobre seus dilemas, angústias e como não são atendidos em suas opiniões, nem respeitados em sua língua.

³²Vídeo com legenda, disponível em: <<http://migre.me/8C10B>>. Acesso em: jun. 2012.



“Quantas vezes eu pedi uma escola de surdos, e você achou melhor uma escola de ouvintes. Várias vezes eu sinalizei as minhas necessidades e você as ignorou, colocou as suas idéias no lugar. Quantas vezes levantei minhas mãos para expor minhas idéias e você não viu. Só prevaleceram os seus objetivos ou você tentava me influenciar com a história de que a Lei agora é essa e que a escola de surdo não pode existir por estar no momento da “inclusão”. Eu fiquei esperando mais uma vez ... em meu pensamento. Ser surdo de direito é ser “ouvido”, é quando levanto a minha mão e você me permite mostrar o melhor caminho dentro de minhas necessidades. Se você ouvinte me representa, leve os meus ensejos e as minhas solicitações como eu almejo e não que você pensa como deve ser. No meu direito de escolha, pulsa dentro de mim: Vida, Língua, Educação, Cultura e um Direito de ser Surdo. Entenda somente isso!”

Imagem 13. Vídeo traz um poema intitulado “Lamento oculto de um surdo”. Fonte: <<http://migre.me/8C10B>>.

Outros vídeos³³ foram postados, em resposta contra o fechamento do Ines. Nesse abaixo, um grupo de surdos israelenses manifesta apoio à causa dos surdos aqui no Brasil.



Imagem 14. Um grupo de surdos israelenses demonstra apoio à causa dos surdos no Brasil. Fonte: <<http://www.youtube.com/watch?v=ztfgSBvw1Eo&feature=related>>.

No *Facebook*, além dos diversos grupos e comunidades sobre surdez, foi criado um grupo aberto, para divulgação e troca de informações entre os surdos. O nome do grupo: “Ines – Escola dos surdos, fechamento ou inclusão, seja o que for, NÃO!!!”³⁴ Expressando a vontade dos surdos de continuarem estudando em um colégios *de surdos*.

³³ Vídeo com legenda, disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ztfgSBvw1Eo&feature=related>>. Acesso em: jun. 2012.

³⁴ Link para o grupo: <<https://www.facebook.com/groups/207782025916938/>>. Acesso em: jun. 2012.

Com a repercussão via *softwares* sociais na internet, o movimento foi ganhando outros adeptos. Jornais³⁵, programas de rádio³⁶ e TV³⁷, políticos e até alguns artistas comentaram o fato, manifestando apoio à causa surda. O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, se manifestou pelo *Twitter*: “*Não é possível que alguém esteja pensando em fechar o Instituto Benjamin Constant!*”³⁸”



Imagem 15. Prefeito do município do Rio de Janeiro comenta, no *Twitter*, sobre a ameaça de fechamento do Ines e IBC. Fonte: <<http://migre.me/8C2f6>>.

O ex-jogador de futebol do Corinthians, Júlio Cesar, gravou um vídeo expressando, em Libras, seu apoio às escolas de surdos: “*É muito importante que as escolas de surdos continuem com a autonomia que sempre tiveram,*

pois as crianças surdas precisam muito aprender com seus pares...”³⁹”

A atriz Marieta Severo, que tem uma irmã surda, divulgou um vídeo em que ela afirma, em Língua de Sinais: “*Eu apoio a escola para surdos. Vamos à passeata em Brasília!*”⁴⁰. Referindo-se à passeata marcada para o dia 20 de maio de 2011, em Brasília. Sua irmã, Lúcia Severo, surda, também divulga seu vídeo: “*Vocês viram minha irmã, vamos todos à passeata em Brasília!*”⁴¹.



Imagem 16: Atriz Marieta Severo manifesta seu apoio à causa surda. Fonte: <<http://migre.me/9wh71>>

Em outro vídeo, Elke Maravilha diz, em Libras: “*Eu amo o surdo. E o Ines. Vamos à Brasília!*”⁴²” Uma petição pública⁴³ também foi disponibilizada, contando com mais de 15.600 assinaturas. Em meio a todo o debate travado, o Ministério da Educação informou que desautorizou

³⁵ O Globo (30/03/2011): <<http://migre.me/8C2c0>>.

³⁶ Boechat, comenta na rádio Band News FM: <<http://migre.me/8C2dk>>.

³⁷ Jornal Bom dia Brasil, da Rede Globo: <<http://www.youtube.com/watch?NR=1&feature=endscreen&v=Nyku8YG7z70>>.

³⁸ Disponível em: <<http://migre.me/8C2f6>>. Acesso em out. 2012.

³⁹ Vídeo disponível em: <<http://migre.me/8C2tj>>. Acesso em: jun. 2012.

⁴⁰ Vídeo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=jf2LV5MoV10>>. Acesso em: jun. 2012.

⁴¹ Vídeo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=e1ShXHZI-6c&feature=related>>. Acesso em: jun. 2012.

⁴² Vídeo disponível em: <<http://migre.me/8C2u6>>. Acesso em: jun. 2012.

⁴³ Disponível em: <<http://www.peticaopublica.com.br/PeticaoVer.aspx?pi=LutaINES>>. Acesso em: jun. 2012.



Imagem 17. Elke Maravilha faz o sinal de “I love you” manifestando seu apoio aos surdos. Fonte: <<http://migre.me/8C2u6>>. Acesso em jun. 2012.

“o anúncio feito pela diretora nacional de Políticas Especiais do MEC, Martinha Claret⁴⁴”, negando o fechamento do Ines e IBC. O MEC afirmou ainda, que os estudantes teriam direito à dupla matrícula, tendo opção de serem incluídos em turmas regulares do Colégio Pedro II⁴⁵.

“NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS”⁴⁶ – A MANIFESTAÇÃO EM BRASÍLIA

A manifestação, organizada pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), ocorreu no dia 20 de maio de 2011 e contou com mais de 4.000 pessoas⁴⁷ em frente à Explanada dos Ministérios.

Antes do evento, o *Youtube* e *Facebook* foram inundados com imagens e vídeos em apoio à causa, além de muitos convites para a passeata, inclusive um vídeo explicativo⁴⁸ sobre regras,



“O dia da nossa passeata em Brasília está chegando. Estamos ansiosos. Mas atenção ao comportamento lá em Brasília, hein! Primeiro: seja educado, tem algumas regras. Pode fazer bastante barulho, gritar, batucar. Mas não pode levar nada perigoso: ferros, paus, pedras, nada disso. Tenha consciência. [...] Nada de jogar lixos e garrafas pelo chão, nem levar/usar drogas. O Brasil todo estará olhando para os surdos. E qualquer coisa errada, virará notícia na televisão e nos jornais. Por favor, cuidado. Siga as regras. Pode ir com muita animação, pintar o rosto, usar nariz de palhaço, levar faixas, cartazes, isso tudo pode. É um movimento bonito,

Imagem 18. Vídeo explica as regras para a manifestação em Brasília. Fonte: <<http://migre.me/9whC2>>.

⁴⁴ Fonte: <<http://oglobo.globo.com/rio/mec-nega-fechamento-de-escolas-especiais-para-surdos-cegos-2803604>>.

⁴⁵ Fonte: <<http://migre.me/8C2uW>>.

⁴⁶ Versão do lema Nothing about us without us – do Disability Rights Movement (LACERDA, 2007).

⁴⁷ Fonte: *Revista Feneis*. Disponível em: <http://www.feneis.org.br/page/imagens/noticias/noticias_2011/Revista%20Feneis_44.pdf>. Acesso em: jun. 2012.

⁴⁸ Vídeo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Ptjl7f5SF5U&feature=related>>. Acesso em: jun. 2012.

direitos e deveres do manifestante:

Outro vídeo⁴⁹ informava aos manifestantes que eles poderiam negociar a liberação no trabalho, porque seria fornecida declaração de comparecimento.

No dia 20 de maio, às 11 horas, conduzidos por um trio elétrico, os manifestantes iniciaram a caminhada. Dentre as diversas manifestações culturais e depoimentos que ocorreram durante o evento, o depoimento de Ana Luiza – uma menina surda de 9 anos de idade – ganha destaque:

Na escola de ouvintes não temos com quem conversar. Na escola de surdos é mais fácil. Se um surdo não sabe se comunicar, nós ensinamos Libras para ele e ele se desenvolve. Em uma escola onde o professor só fala, como vamos entender ele? Somos surdos! (FENEIS, 2011, p. 14).

Após a passeata, um grupo de representantes da comunidade surda foi recebido pelo ministro da educação, Fernando Haddad.

O objetivo foi defender a manutenção das escolas de surdos e propor a criação de um grupo de trabalho para discutir a política de educação bilíngue, em detrimento da atual política de inclusão do MEC. (FENEIS, 2011, p. 9).

Ao final da reunião, representantes da *Feneis* sugeriram a criação de um grupo de trabalho para discutir a temática referente à educação de surdos no Brasil, o grupo seria composto por representantes do MEC, pesquisadores da área de linguística e de educação de surdos e integrantes do movimento. A diretora de políticas educacionais da *Feneis*, Patrícia Rezende, destacou que, nos moldes atuais, a inclusão dos estudantes surdos nas escolas regulares continua tendo a Língua Portuguesa como língua de instrução, e que a LIBRAS acaba sendo negligenciada: “é impossível dar aulas para surdos e ouvintes em línguas diferentes e ao mesmo tempo”. (FENEIS, 2011, p. 10). O ministro propôs a realização de um seminário com a presença dos conselheiros de educação para discutir com profundidade o processo de inclusão escolar dos surdos e das pessoas com deficiência. Além disso, o ministro determinou que toda a interlocução com o MEC seja feita diretamente com a chefia de gabinete do ministro, e não mais via Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) como era até então. A medida visa restabelecer a comunicação com os movimentos sociais e garantir a representatividade destes na formulação de políticas públicas. (FENEIS, 2011, p. 11).

A diretora da *Feneis*, Patrícia Rezende avalia positivamente as conquistas alcançadas até aqui:

⁴⁹ Vídeo disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vTy8Y38fbIc&feature=related>>. Acesso em: jun. 2012.

Pela primeira vez, o Ministério da Educação abre as portas ao diálogo com os surdos. Foi um momento histórico onde pudemos apresentar nosso ponto de vista. (FENEIS, 2011, p. 11).

Essa foi uma batalha travada *pelos* surdos, *para* os surdos. A *Revista Feneis* (2011) ressalta a importância que os softwares sociais tiveram na comunicação, articulação e concretização do movimento:

Todas as definições foram feitas por meio da rede social, desde a confecção padronizada das camisetas e das faixas até a elaboração de regras para a manifestação. A tecnologia exerceu papel fundamental na mobilização. (p. 17).

A luta dos surdos em defesa das escolas e classes bilíngues não começou hoje, há muito mais de duas décadas que as propostas de ensino bilíngue vêm sendo implementadas em diversas partes do país (MOURA, 2000). Mas muito ainda precisa ser feito. Esse caso aqui apresentado representa um marco importante na história dos surdos brasileiros. Eles demonstraram que não estão calados. Não aceitam que decisões sejam tomadas, sem que eles mesmos sejam ouvidos. Eles se apropriaram crítica e criativamente do espaço on-line e brigaram por seus direitos, sua língua e identidade. O acesso à informação e possibilidade de comunicação, via internet, permitiu que esses atores sociais lutassem em defesa de seus próprios direitos, autônoma e democraticamente.

Ao se apropriar dos espaços de comunicação em rede (SILVA, S., 2009, p. 76-81), o cibercidadão pode ampliar o alcance de sua voz, chamando atenção para suas lutas e galgando espaços onde antes – sob a lógica vertical das mídias de massa – não era possível. Sobre esse importante papel que as comunidades virtuais têm desempenhado na sociedade atual, Silva, S. (2009) destaca que:

Esse contexto de troca de informação por via eletrônica, a partir das comunidades virtuais de comunicação, criou um ambiente digital de comunicabilidade que agiliza as mobilizações, ao mesmo tempo que muda a cultura da participação política e seus valores simbólicos em relação à democracia [...]. Em termos de mobilizações políticas dos atores da sociedade global, a cibercultura proporciona uma velocidade de articulação que faz diferença no processo contra-hegemônico. (p. 174).

Antoum e Malini (2010, p. 1) afirmam o caráter ativista da internet: “a atuação social, a mobilização e o engajamento viraram um valor da rede”. Os autores destacam a transformação causada pela liberação do polo de emissão da informação, dando início ao que chamam de mídias de multidão:

A notícia, que sempre esteve atrelada àqueles que detinham a capacidade de irradiar informação, hoje está em todos os lugares virtuais, que se comportam cada vez mais

como mídias de multidão (*multimídias*), ou seja, mídias cujas produções se dão de forma articulada e cooperativa, cujo produto final é exibido de forma pública e livre [...] desorganizando o modo tradicional da notícia, ao mesmo tempo em que elas organizam uma linguagem cooperativa, dialógica, múltipla e comum. Esta linguagem vai criar uma onda integrada, revelando perspectivas independentes de opinião. (ANTOUM; MALINI, 2010, p. 6).

São essas perspectivas independentes de opiniões que possibilitaram os acontecimentos recentes envolvendo a comunidade surda brasileira. Muito provavelmente, as mídias massivas não teriam atentado para a importância da causa para os surdos.

Silveira (2010, p. 3) aponte que as chamadas redes sociais são muito mais acessados que qualquer outro site dos tradicionais meios de mídias de massa (Fox, CNN, Globo, etc.). O que compõe uma grande transformação no cenário comunicacional em rede, uma vez que cria um espaço inexistente para interação entre grupos, horizontalizando a comunicação e informação. As pessoas *querem* estar em rede, comentando, *curtindo*, compartilhando, seguindo seus amigos.

Desse modo, as redes sociais permitiram ampliar a comunicação horizontalizada e, ao mesmo tempo, de amplo alcance, em diversos casos, com os mesmos impactos que as mídias massivas. Nas redes sociais, o entretenimento, a conversa entre conhecidos e as informações noticiosas se misturam e acabam gerando um espaço comunicacional híbrido e intenso. (SILVEIRA, 2010, p. 3).

Vale salientar, que a conexão em tempo real, a internet móvel e ubíqua tem permitido essa grande expansão das informações na rede, favorecendo o ciberativismo. O cibercidadão que opera autonomamente no ciberespaço, também o faz ao se apropriar dos diferentes softwares sociais disponíveis, atribuindo sentidos, cocriando informações e conhecimentos. (SILVA, M., 2009, p. 76). Bonilla (2009), nos lembra que:

A conexão em tempo real possibilita que acontecimentos, decisões, ações e pessoas estejam situadas em mapas dinâmicos de um contexto comum e transformem continuamente o universo virtual em que adquirem sentidos. (p. 32).

Para Silveira (2010, p. 1) o ciberativismo pode ser definido como “um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na internet”. Temos acompanhado diversos exemplos de ciberativismos, em diferentes países, o que atesta a importância das comunidades virtuais e dos softwares sociais para as lutas sociais. Exemplos como os vividos pela comunidade surda no Brasil, o caso dos manifestantes egípcios, e tantos outros que poderiam ser aqui citados, são exemplos disso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As inúmeras mudanças que marcam a atual sociedade conectada em rede, a democratização do acesso e produção de informações em tempo real, e os *softwares* sociais, têm possibilitado novas múltiplas formas de participação social. Nesse cenário, mais do que meros receptores, os indivíduos interconectados coexistem no ciberespaço, compartilhando e cocriando informações, atribuindo sentidos e expressando sua autonomia.

Os softwares sociais constituem-se uma das principais características da WEB 2.0. Essas interfaces digitais em rede viabilizam e estruturam a interconexão entre sujeitos, dispersos ou não, geograficamente. Possibilitando que indivíduos interajam colaborativamente, compartilhando suas autorias, favorecendo a autonomia e a socialização, criando ou estreitando vínculos sociais e afetivos, implicando em novas formas de ver e apreender o mundo. Exemplo disso são as diversas manifestações políticas fomentadas e organizadas vias *softwares* sociais.

Neste texto, procuramos abordar a temática do ciberativismo, apresentando a mobilização ocorrida contra o anúncio do Ministério da Educação, que indicava o encerramento das atividades no Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Esse fato representa uma importante conquista da comunidade surda, uma vez que puderam exercer autonomamente a defesa de seus direitos, lutando contra políticas elaboradas de forma não participativa. Os cibercidadãos surdos ampliaram o alcance de seus sinais, chamando atenção para suas lutas e galgando espaços onde antes não era possível. A luta dos surdos em defesa das escolas e classes bilíngues não começou hoje, há muito mais de duas décadas que as propostas de ensino bilíngue vêm sendo implementadas em diversas partes do país e outras partes do mundo. No Brasil, o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão é uma importante conquista e representa um potencial avanço para a inclusão efetiva das pessoas surdas. O Decreto 5.626/05 assegura ao surdo o direito de receber instrução em sua língua materna, e prevê ações que devem ser realizadas pelas instituições de ensino para concretizar esses direitos. Quando a comunidade surda entendeu que a ação proposta pelo Ministério da Educação feria seus direitos linguísticos, eles mostraram que não aceitariam calados, e que as decisões políticas e educacionais para os surdos deveriam ser pensadas e discutidas de maneira participativa. Essa luta representa, portanto, um marco importante na história dos surdos brasileiros, que se apropriaram criativamente do espaço on-line e brigaram por seus direitos, seus espaços e identidades. Certamente muito mais ainda precisa ser feito.

REFERÊNCIAS

- ANTOUN, H.; MALINI, F., Ontologia da liberdade na rede: as multimídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos. In: XIX Encontro da Compôs, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, RJ, 2010. Disponível em: <http://compos.com.puc-rio.br/media/gt1_henrique_%20antoun_%20f%Elbio_malini.pdf>. Acesso em: 17 de jun. 2012.
- BONILLA, Maria Helena Silveira. Escola aprendente: comunidade em fluxo. In: FREITAS, Maria T. A. (Org.). *Cibercultura e formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CASTELLS, Manuel. *Castells debate os dilemas da internet*. Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net/2012/01/17/castells-debate-os-dilemas-da-internet/>>. Acesso em: 16 jun. 2012.
- DIZEU, L. C. T. de B.; CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a14v2691.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2012.
- FENEIS, Revista da. [s. l.]: *Federação Nacional de Integração de Surdos*, n. 44, jul. 2011. Disponível em: <http://www.feneis.org.br/page/imagens/noticias/noticias_2011/Revista%20Feneis_44.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2012.
- FONTES, Rejane de Souza; ANTUNES, Katiuscia C Vargas; SOUSA, Luciane Porto Frazão de. Agentes de Educação Especial: uma experiência na Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro. In: VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE. *Desafios da Educação Básica a pesquisa em educação*, 2007, Vitória/ES., 2007.
- GÓES, M.C. R. de. *Linguagem, surdez e educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- KERBAUY, M. T. M.; SANTOS, V. M. Redes sociais educacionais mediadas por computadores. In: BARROS, D. M. V. et al. *Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas*, Lisboa: [s.n.], 2011. 33p. Disponível em: http://www.scribd.com/full/53937491?access_key=key-1v1wmya4tacm1ml4wr7b Acesso em: 16 jun. 2012.
- LACERDA, P. M. *Nada sobre nós sem nós, mas nós quem? Posicionamentos de universitários 'com deficiência' sobre políticas de ação afirmativa*. ANPED. *Anais...* Caxambu: Anped, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT03-3544--Int.pdf> Acesso em: 16 jun. 2012.
- LE MOS, André. Prefácio. In: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. *Inclusão digital: polêmica contemporânea*. Salvador: Edufba, 2011. p. 15-20. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/4859/1/repositorio-Inclusao%20digital-polemica-final.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2012.
- LE MOS, Ronaldo. *Web 2.0: compreensão e resolução de problemas*. Rio de Janeiro: FGV Online, 2008. Disponível em: http://www5.fgv.br/fgvonline/InternalInternaCurso.aspx?prod_cd=WEBSOLEAD_00 Acesso em: 16 jun. 2012.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MIRANDA, Luísa et al. Redes Sociais na Aprendizagem. In BARROS, D. M. V. et al. *Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas*, Lisboa: [s.n.], 2011. 33p. Disponível em: <http://www.fileden.com/files/2011/9/21/3199035//Luiza.%20Carlos.%20Paulo.%20Paulo%20Dias.pdf> Acesso em: 16 jun. 2012.
- MOURA, Maria Cecília de. *O Surdo: Caminhos para uma Nova Identidade*. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2000.
- OKADA, Alexandra; OKADA, Saburo; SANTOS, Edméa. Colearn: Ciberconferência e Cibermapeamento para Aprendizagem Colaborativa Aberta em Cibercomunidades. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM CIBERCULTURA. *Anais do II Simpósio Nacional da Abciber*. São Paulo: PUC-sp, 2008. Disponível em: <<http://www.cencib.org/simpósioabciber/PDFs/CC/Alexandra%20Okada,%20Saburo%20Okada%20e%20Edmea%20Santos.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2012.
- OKADA, Alexandra. COLEARN 2.0: Refletindo sobre o conceito de COAPRENDIZAGEM via REAs na Web 2.0 In BARROS, D. M. V. et al. **Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas**, Lisboa: [s.n.], 2011. 33p. Disponível em: <http://www.fileden.com/files/2011/9/21/3199035//Alexandra%20Okada.pdf> Acesso em: 16 jun. 2012.
- PRETTO, Nelson de Luca. (Org.). *Tecnologias e Novas educações*. Coleção Educação, comunicação e tecnologia. Vol. 1, Salvador: EDUFBA, 2005. Disponível em: <http://www.moodle.ufba.br/file.php/8933/textos/tec_novas_educacoesLIVRO.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2012.
- QUADROS, Ronice Müller de. *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- RECUERO, Raquel. *Redes sociais da internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/redes_sociais.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2012

SANTAELLA, Lúcia. *Ecologia pluralista da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Edméa. *Educação online: cibercultura e pesquisa formação na prática docente*. Tese (Doutorado em Educação – Faculdade de Educação, UFBA. Salvador: 2005.

_____, Edméa. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. In: SILVA, M. PESCE, L. ZUIN, A. *Educação online: cenário, formação e questões didático-metodológicas*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

_____, Edméa. O. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena; SILVA, Marco. (Org.). *Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias: Desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões*. Rio de Janeiro: Anped, 2011. p. 138-160. Disponível em: <http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/ebook1.pdf> Acesso em: 16 jun. 2012.

SANTOS, Rosemary. *A tessitura do conhecimento via Mídias Digitais e Redes Sociais: Itinerâncias de uma Pesquisa-formação multirreferencial 2011*. 232f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, R.; ROCHA, A. A. W. N. Caiu na rede é peixe. O currículo no contexto das redes sociais. In: *I Seminário Currículos, Culturas, Cotidianos e Formação de Educadores*. Vitória, 2011.

SILVA, Marco. Infoexclusão e analfabetismo digital: desafios para a educação na sociedade da informação e na cibercultura. In: FREITAS, Maria T. A. (Org.). *Cibercultura e formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. *Sociedade da diferença: formações identitárias, esfera pública e democracia na sociedade global*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2009.

SILVEIRA, S. A. Redes de relacionamento e sociedade de controle. *V!RUS*, São Carlos, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=3&item=2&lang=pt>>. Acesso em: jun. 2012.

RESUMO

Seguindo a dinâmica complexa da estrutura da sociedade em rede, novas práticas sociais tomam forma, potencializadas pelas tecnologias da informação e comunicação. Mais do que em sua primeira fase, a internet atual fomenta os potenciais interativos das redes, rompendo com o paradigma da transmissão massiva e consolidando-se como uma internet notoriamente participativa. A horizontalização da comunicação e informação reforça as potencialidades da internet no que diz respeito à democratização das relações, fortalecendo os indivíduos do ponto de vista de suas ações políticas e suas opções identitárias (SILVA, 2009). Mais do que um mero receptor da informação, o cibercidadão é emissor e cocriador de informações e conhecimentos. As mobilizações político-sociais articuladas por meio dos *softwares* sociais são exemplos de como o acesso à informação e possibilidade de comunicação, via internet, permite que os atores sociais lutem em defesa de seus próprios direitos, autônoma e democraticamente, demonstrando o caráter ativista da internet (ANTOUM; MALINI, 2010). Em tempos de inclusão social e acesso à rede mundial de computadores, os cibercidadãos surdos se apropriaram dos softwares sociais – *Youtube* e *Facebook* – e foram à luta contra o fechamento do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos e em defesa da educação bilíngue para surdos. O presente artigo procura mostrar algumas ações que envolveram esse movimento, e suas conquistas, que representam um marco importante na história dos surdos brasileiros.

Palavras-chave: Surdos. Ciberativismo. Redes sociais.